

Impasses das identificações na formação docente

Maria de Lourdes Ramos da Silva¹

Resumo: Com base em Freud e Lacan, o artigo discute a importância das identificações no percurso de formação dos professores do ensino fundamental e na identidade profissional docente. À medida que as identificações propiciam ao professor a possibilidade de reinventar-se, de criar um espaço próprio para o exercício da docência e de construir novas configurações do trabalho docente, propiciam também o surgimento de novas formas de singularidade diversas à geração precedente.

Palavras chave: Identificação, formação de professores, singularidade.

Abstract: Based on Freud and Lacan, this paper discusses the importance of the identifications in the course of graduating elementary school teachers and of teacher professional identity. As the identifications provide the teacher with the opportunity to reinvent themselves, to create their own space for the teaching exercise and build new teaching configurations, also provides the emergence of several singular new forms to the previous generation.

Keywords: Identification, teacher graduating, singularity.

A vida escolar como uma rede de relações subjetivas

A vida escolar abrange uma rede complexa de subjetividades que influenciam as múltiplas aprendizagens em sala de aula. Logo, na formação inicial dos futuros professores, deve-se considerar o impacto das influências que os formadores de professores exercem sobre eles, a fim de que não sejam apenas reprodutores dos mesmos processos que o formaram, mas que possam construir um trabalho que seja condizente e harmonioso com seu estilo próprio de ensinar.

Nos cursos de formação inicial de professores, esse encontro de subjetividades adquire importância fundamental. As imagens que professores e alunos fazem de si próprios em sala de aula representam aspectos que interferem direta ou indiretamente nas identificações dos futuros professores. Por essa razão, é difícil superar a tendência existente na geração que está sendo formada naquele momento no que tange à reprodução dos principais traços da geração precedente, o que desfavorece a criação de novas formas de ensinar.

Identities: identificações em percurso

A ideia de identificação tem sido usada cada vez mais para substituir a noção de identidade, que ainda é compreendida por muitos como algo estável, propiciando ao sujeito a falsa ilusão de ter se construído como um ser próprio completo e independente dos demais.

Se levarmos em conta a noção de identificação, teremos a vantagem de perceber que a identidade é uma face do sujeito que pode mudar a cada instante e que nunca pode ser percebida como algo que o acompanha ao longo de sua existência. Segundo Bauman (2005), em nosso mundo fluido, o fato de nos comprometermos com uma única identidade para toda a vida, ou até mesmo por um determinado tempo de nossa vida é para o autor arriscado.

¹. Livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Diretora da Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco. E-mails: mlramos@usp.br, malu.ramos@uol.com.br.

Assim, para o sujeito pós-moderno, a identidade é definida historicamente e não biologicamente, o que lhe permite assumir identidades diferentes e até contraditórias, já que elas não são unificadas ao redor de um eu coerente. Além de plurais e em constante transformação, as identificações são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções (Silva, 2000).

Por essa razão, no entender de Santos (1997), identidades são, na verdade, identificações em percurso, pois até mesmo as identidades aparentemente mais sólidas como mulher, homem, país africano ou país europeu, escondem negociações de sentido e choques de temporalidades em ininterrupto processo de transformação. Portanto, é importante conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados.

Hall (2006) acredita que o sujeito pós-moderno é um ser inacabado, composto por identidades abertas e contraditórias, justificadas na indefinição de suas fronteiras. Para Hall:

A identidade torna-se então uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006, p.12-13).

Embora seja a identidade que defina nossa capacidade de falar e de agir, não se pode concebê-la apenas como a unidade monolítica de um sujeito, já que ela é sempre um sistema de relações e de representações entrelaçadas de forma complexa. Portanto, há muitas identidades que nos atravessam, tais como a pessoal, a familiar, a social, a profissional e assim por diante. Neste caso, o que muda é o sistema de representações ao qual nos referimos e diante do qual ocorre nosso reconhecimento (Silva, 2000).

Para Melucci (2004), a identidade pressupõe o entrelaçamento de dois aspectos indissociáveis: o individual e o social, pois sempre que nos questionamos sobre nós mesmos e como os outros nos percebem, esbarramos necessariamente em nossa identidade. E ainda que em nosso cotidiano o termo adquira múltiplos significados, três elementos estão sempre presentes: a continuidade de um sujeito, apesar das variações no tempo e das inevitáveis adaptações ao meio ambiente; a delimitação desse sujeito em relação aos demais; e a capacidade de reconhecer-se e de ser reconhecido.

Segundo o autor, é a identidade que define nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Não obstante, a autoidentificação precisa alcançar um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade, já que a possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses outros. Dessa forma, nossa autoidentificação encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, com a possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações.

As ideias de Freud tiveram um impacto profundo sobre o pensamento moderno e sobre a concepção de identidade, já que para o autor nossas identidades, nossa sexualidade e nossos desejos se constroem com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com base em uma lógica muito diferente da racional.

Essa ideia acabou com o conceito de um sujeito cognoscível e racional, provido de uma identidade fixa e unificada, já que o inconsciente é para Freud o depósito de desejos reprimidos que não obedece às leis da mente consciente e embora possa ser conhecido, não pode ser acessado diretamente. Segundo Garcia-Rosa (2008,

p 175), “o que define o inconsciente não são seus conteúdos, mas o modo segundo o qual ele opera, impondo a esses conteúdos uma determinada forma”. Logo, para Freud, o inconsciente é um lugar psíquico, onde estão as representações e os afetos.

Além disso, Freud também dedicou uma atenção especial à noção de identificação ao longo de sua obra, considerando-a a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ao explicar o tipo de laço ao qual se refere, Freud (1921) esclarece que se trata de um processo ambivalente desde o seu início, podendo tornar-se uma expressão de ternura ou de hostilidade. O sujeito com o qual me identifico pode provocar em mim tanto sentimentos de ternura e de aceitação, como de desagrado e afastamento.

Assim, segundo o autor, a identificação pode constituir-se de diversos modos: como forma original de laço emocional com um objeto; como vinculação de objeto libidinal por meio de introjeção do objeto no ego; e como qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual.

Quanto mais importante seja essa qualidade comum, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço emocional (Freud, 1921). A conclusão sobre esse conceito é elaborada em 1924, quando o psicanalista afirma que é na saída do complexo de Édipo que cessa a confusão entre o investimento e a identificação, por meio de sua substituição por um processo identificatório no qual a criança passa a identificar-se com alguém ainda desconhecido por ela.

É a instalação do processo identificatório que abre ao sujeito a possibilidade de se reinventar a si mesmo todas as vezes que seu estado atual já não o satisfaz. Por meio do jogo móvel das identificações, um sujeito está em permanente construção de si mesmo e de seu trabalho, num processo que pode ser de interminável inovação.

Para Lacan, não temos qualquer possibilidade de construir uma identidade fixa que se mantenha imutável ao longo da vida, pois somos seres falantes e por isso estamos submetidos à linguagem e suas leis. Logo, a inadequação entre as qualidades predicativas com as quais um sujeito pode ser representado para os outros e o fundamento do ser é algo intransponível, o que recai na eterna dúvida: *quem na verdade sou eu?*

Assim, o sujeito se vê diante de uma difícil escolha: ou bem ele assume que é um ser vivo e que, portanto, deve se reinventar a cada instante ou bem ele se congela em uma identidade que o aprisiona e não permite que ele se reinvente. Como não há uma resposta pronta para a pergunta a respeito da identidade do ser, ele precisa se reinventar e reinventar o trabalho que desenvolve a todo o momento.

Se houvesse uma resposta preconcebida a respeito da identidade do eu, bastaria que cada sujeito encontrasse os atributos que melhor pudessem defini-lo, permanecendo fiel a eles. Mas como não temos certeza a respeito de quais palavras podem nos definir durante toda nossa vida, somos então obrigados a buscar incessantemente respostas provisórias que possam definir-nos. Tais respostas, sempre temporárias, são as identificações.

Lacan retoma o trabalho desenvolvido por Freud e descreve três tipos de identificação:

1-) o primeiro tipo se relaciona à imagem que é proposta pelo outro e, neste caso, o sujeito pode vir a se compreender como um eu, separado do outro do qual é, naquele instante de sua vida, objetivamente dependente. Assim, uma criança pode dizer: “*Julliana quer água*” em vez de: “*Eu quero água*”.

2-) o segundo tipo diz respeito à identificação por meio da qual um sujeito toma emprestado (cópia) um traço importante de um personagem, cuja relação foi sexualizada na fantasia da criança durante o período compreendido como o Complexo de Édipo. Neste caso, não se trata da cópia de uma imagem totalizante, mas sim do empréstimo de um *significante* que para o sujeito caracteriza o objeto caracterizado, como, por exemplo: *tornar-se alegre como seu pai*.

3-) o terceiro tipo trata da identificação por meio da qual um sujeito toma alguém como modelo, já que para ele esse alguém é percebido como um sujeito desejante.

Estes três tipos de identificação apresentam desdobramentos interessantes para as diversas identificações que ocorrem em sala de aula e para a construção de identidades profissionais entre os professores.

Os processos de identificação em classe

Partimos da ideia de que no processo de formação docente existe a mobilização de um processo identificatório contínuo e ininterrupto, que se apoia nas múltiplas identificações que são possíveis ao professor durante seu percurso de vida e principalmente durante seu período de formação profissional, permitindo-lhe construir um modo próprio de ser e de ensinar.

Além desse inevitável processo identificatório, é preciso considerar também o advento do desejo inconsciente naquele que está em formação. Embora não seja nosso objetivo nos alongarmos neste artigo sobre o conceito de desejo inconsciente, há alguns desdobramentos interessantes para as relações que se estabelecem entre professores e alunos.

Assim, se um professor concorda com a manutenção do processo de identificação mantendo-se solidamente estruturado e defendendo a posição *daquele que deve ser copiado por seus alunos*, estes passam a considerar a imagem idealizada do professor como algo a ser imitado e replicado. Com isso, o professor estimula os alunos a se tornarem uma cópia fiel dos aspectos que lhe agradam e com os quais se identifica.

Mas se, ao contrário, por meio de uma deliberada reticência com relação ao seu desejo, o professor dificulta a tentativa dos alunos de se tornarem uma cópia fiel do que lhe agrada, é possível que se instale em sala de aula um outro tipo de relação possível entre professor e alunos, marcada indelevelmente por uma parceria de trabalho, na qual o professor passa a ser fundamentalmente um orientador do trabalho realizado em sala de aula, permitindo aos alunos desenvolver uma autonomia e uma singularidade muito importante para a busca de si mesmo.

À medida que consideramos a importância dos processos de identificação que se sucedem durante toda a vida do sujeito, passamos a considerar as identidades como processos dinâmicos de produção social e nos afastamos da ideia de identidades estabelecidas e coisificadas, ancoradas numa visão essencialista.

Verificamos, outrossim, que a identidade profissional se constrói por meio de sucessivas e complexas interações e identificações que acontecem entre o sujeito e o meio sociocultural no qual se insere e que acaba tendo uma importância decisiva nessa construção.

A formação de professores e os processos de identificação

Segundo Esteve (1995), o conjunto de mudanças sociais e educacionais ocorrido nos últimos vinte anos ocasionou impactos profundos na identidade

profissional docente que por sua vez foram ocasionados por identificações contraditórias, tais como:

- o aumento de exigências em relação às atividades desenvolvidas pelos professores;
- a inibição de outros agentes de socialização, como a família;
- o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola;
- a ruptura do consenso social sobre o papel da educação;
- o aumento das contradições no exercício da docência;
- as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo;
- a menor valorização social do professor;
- as mudanças nos conteúdos escolares;
- a escassez de recursos materiais e condições de trabalho deficientes;
- a mudança nas relações professor e aluno;
- a fragmentação do trabalho do professor.

De acordo com o autor, o despreparo dos professores dos diferentes níveis de escolarização para enfrentar tais mudanças ocasionou a formação de uma crise de identidade docente, que se define como uma contradição entre o eu real (o que os professores conseguem ser efetivamente no cotidiano escolar) e o eu ideal (o que os professores queriam ser ou o que gostariam de ser).

Todavia, o enfrentamento dessa crise provoca reações diversas nos docentes, pois enquanto alguns aceitam as mudanças como inevitáveis, outros experimentam sentimentos de extrema ansiedade e perplexidade e outros ainda se deparam com sentimentos contraditórios em relação às mudanças, aceitando-as e rejeitando-as alternadamente.

Esse mal-estar docente se traduz em diversas manifestações, tais como:

- Sentimentos de insatisfação perante os problemas reais da prática de ensino em sala de aula, em contradição com a imagem ideal do professor;
- Pedidos de transferência de escolas como forma alternativa de fugir dos problemas encontrados;
- Desenvolvimento de esquemas de inibição como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que realiza em sala de aula;
- Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não);
- Absentismo laboral, em consequência do acúmulo da tensão;
- Esgotamento, como consequência da tensão acumulada;
- Sentimentos tais como: stress, ansiedade, depreciação do eu (autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino), reações neuróticas, depressões e ansiedade como estado permanente.

Com vistas a preparar os professores para enfrentar os inevitáveis desajustes ocasionados pela aceleração da mudança social, é preciso incorporar novos modelos ao período de formação inicial e articular novas estruturas de apoio aos professores já em exercício, com a finalidade de que se evitem flutuações e contradições na prática de sala de aula e de que encontrem respostas que não passem pela inibição e pela rotina.

Assim, a formação prática inicial deve permitir ao futuro professor identificar-se a si próprio como professor e identificar-se com os estilos de ensino que é capaz de utilizar, levando em consideração os efeitos que os referidos estilos produzem nos alunos.

Além disso, essa formação deve possibilitar ao futuro professor o desenvolvimento da capacidade de identificar os problemas que surgem da organização do trabalho na sala de aula, fazendo-se capaz de tornar acessíveis os conteúdos de ensino a cada um de seus alunos. Assim, as atividades relativas aos estágios devem ser valorizadas nos cursos de formação de professores, para que os alunos possam vivenciar a prática docente tal qual ela ocorre no cotidiano escolar.

Ainda em relação à formação inicial dos professores, Esteve (1996) estabelece dois aspectos de suma importância: a necessidade de substituir abordagens normativas (professor ideal) por abordagens descritivas (conjunto de condicionantes que influenciam as relações entre professores e alunos) e a adequação dos diversos conteúdos da formação inicial à realidade dos alunos, pois os futuros professores em geral dominam os conteúdos a serem transmitidos, mas não têm ideia de como podem estruturá-los e torná-los acessíveis aos alunos de acordo com os diferentes níveis de ensino.

Nessa mesma direção, Nóvoa (1995) denuncia que a formação de professores tem se baseado em dois modelos que se alternam constantemente: um modelo acadêmico, centrado em conhecimentos científicos considerados fundamentais, mas nos quais predomina a separação entre a teoria e a prática; e um modelo prático, centrado no cotidiano das escolas e na aplicação de novas metodologias, no qual a prática predomina sobre os aspectos teóricos.

Com vistas à superação desses dois modelos, o autor desenvolve o que denomina de modelo profissional, que inclui além da teoria e prática, diversos aspectos relacionados à profissão, principalmente no que tange aos seus limites e contradições, o que poderá favorecer a construção de identidades profissionais docentes mais efetivas e relacionais, com base em identificações mais significativas com relação ao trabalho docente que é desenvolvido em sala de aula.

Diante de uma realidade social em perpétua mutação, que engendra a todo o momento novos desafios, novas exigências e novos conhecimentos, que questiona ininterruptamente valores e práticas já estabelecidos, que derruba de modo irreversível mitos e verdades acalentados durante um bom período de tempo, resta investigar como o professor consegue construir esquemas representativos de sua identidade profissional e como tenta acompanhar essas mudanças constantes a partir das diversas identificações conscientes ou até inconscientes.

No caso da formação de professores, a perspectiva dominante sobre a formação da identidade profissional centraliza-se na discussão em torno das experiências de escolarização que foram vividas por eles e das identificações que lhes ocorreram durante sua vida. Assim, busca-se compreender, por meio dessas identificações e experiências escolares passadas, como os sujeitos se relacionavam com os seus professores e quais foram as práticas de ensino (vistas como negativas ou não) que incentivaram a escolha pela profissão docente (Silva, 2007).

Segundo Sacristán (1995), as profissões definem-se basicamente por suas práticas e por um conjunto de regras e de conhecimentos relativos às atividades desempenhadas pelos diversos profissionais. Diante disso, torna-se difícil identificar uma única identidade profissional docente à medida que os professores possuem uma profissionalidade essencialmente dividida.

Entre os fatores que sustentam a heterogeneidade da profissão docente, podemos salientar o nível de ensino em que os professores trabalham (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior); a disciplina que lecionam; a situação profissional na qual se situam (efetivo, concursado, contratado); a habilitação acadêmica e profissional que possuem (bacharel, licenciado, especialização, mestrado, doutorado); o tempo de serviço e a posição que ocupam na carreira; a localização e a dimensão da escola onde trabalham (urbana, rural); a experiência profissional (escolas onde trabalharam, cargos, funções e atividades específicas desempenhadas nas escolas e sistemas educativos); associações profissionais a que pertencem e as situações de estabilidade ou de mobilidade já enfrentadas.

Tais diferenças pressupõem identificações heterogêneas e exigem dos docentes posturas diversas frente aos obstáculos com os quais se deparam em sua carreira docente

Considerações finais

As atitudes dos professores e dos alunos em sala de aula dependem de como se percebem e são percebidos pelos demais, traduzindo-se em formas espontâneas de comunicação e de interlocução. Logo, para se compreender os professores, os alunos e as relações que se constroem em cada classe, é preciso considerar os seus modos de subjetividade, suas identidades e as diversas identificações que lhe são possíveis.

Nos cursos de formação inicial docente, os formadores de professores devem orientar seus alunos para que escolham seus próprios caminhos e seus próprios estilos de ensino, incorporando algumas características pessoais e estilos de trabalho identificados entre seus mestres, os quais podem servir de suporte para a construção de novas configurações de trabalho docente e de relações mais eficientes entre professores e alunos.

Entretanto, para que o professor possa construir um estilo próprio de docência a partir das diversas identificações que lhe foram possíveis durante a sua formação inicial e posteriormente durante o desenvolvimento profissional, é preciso acima de tudo que atravesse um processo de esvaziamento quanto ao *imaginário de professor ideal* construído por ele em diversos momentos de sua vida profissional, como pudemos verificar com Esteve (1996).

Esse esvaziamento pode propiciar ao docente um inusitado interesse na construção de novos modos de ensinar. O fato de se responsabilizar pela prática de sala de aula implica na possibilidade de realizar um julgamento contínuo sobre a qualidade de seu trabalho a partir dos resultados que obtém de seus alunos e não pela semelhança com o ideal de trabalho docente com o qual se identificou no percurso da construção de seu trajeto.

Logo, é fundamental que o professor recém-formado supere a frustração causada por não conseguir tornar-se igual àquele ou àqueles com os quais se identificou e abdique de querer tornar-se idêntico a eles, tornando-se professor com um estilo próprio de ensinar, beneficiando-se da incorporação de algumas características identificadas em seus mestres que podem servir de suporte para que ele possa construir novos modos de fazer alinhados com o seu desejo de ensinar.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ESTEVE, J. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. Porto: Porto Ed, 1995.
- FREUD, Sigmund. (1921) **Psicologia das Massas e análise do eu**. Ed. Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI, 1974.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LACAN, Jacques (1961-1962) **Le Seminaire de Jacques Lacan**. Livre XXIII. Paris, Ed Du Sueil, 2005.
- MELUCCI, Alberto. **O Jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. RS: Edit Unisinos, 2004.
- NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto Edt., 1995.
- Sacristán, José Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio. (org.) **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 63-80.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.
- Silva, Maria de Lourdes Ramos. Aspectos sócio-afetivos que interferem na construção da identidade do professor. In SILVA, E.R.; UYENO, E.I.Y.; ABUD, M.J.M. **Cognição, afetividade e linguagem**. Taubaté, S.P, Cabral Editora Universitária, 2007.
- Silva, Maria de Lourdes Ramos. Escola, saber e trabalho na sociedade contemporânea. In: LAUAND, Jean (Org.) **Anais do Seminário Internacional e Filosofia e Educação- Antropologia e Educação- Ideias, Ideais e história**. São Paulo: Factash Editora, 2010.
- SILVA, Tomás Tadeu. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**. São Paulo: Vozes, 2000.

Recebido para publicação em 21-07-14; aceito em 22-08-14